

Redacção, Administração e Officinas  
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Dirigir toda a correspondência ao

DIRECTOR:

EDUARD LEUENHOTH

# A LANTERNA

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS:

ANO . . . . . 10\$000  
SEMESTRE . . . . . 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior  
há a diferença do porte do Correio.

Hostias amargas

## O Incêndio purificador

Já não é egotismo: é mais autolatria, isso que o idiota Julio Maria andou, num devaneio de megalomaniaco, a exhibir no pulpito da Glória.

Em uma das suas últimas conferências, depois de haver êle declarado ingenuamente que passa o melhor do seu tempo a beijar as próprias mãos, que diariamente fabricam o Cristo, concluiu que todos os males sociais provêm do descaço em que vão sendo tido os padres pela massa popular.

Os homens de hoje, segundo o incomensuravel padre Julio Maria, não têm na devida conta os sacerdotes da Igreja Católica.

Ele volta-se contra a praxe actualmente vulgarizada de não mais se oscular em mãos aos padres, de não se lhes tirar o chapéu nas ruas, ainda quando sejam desconhecidos, de não se lhes pedirem conselhos nos momentos graves e importantes da vida e ainda mais de se meterem à bulha as tolices que preferem do alto do pulpito.

Não é assim que padre Julio deseja ver os padres tratados pelos crentes.

Ele quer que cada um dos seus colegas seja para os membros da seita católica e ainda para os de todos os demais credos religiosos, um como Santo Antoninho onde te porci. Exiga que no dia das famílias, nos passeios das ruas, nos bondes, nas reuniões públicas e particulares as mais altas distincções, os melhores postos sejam reservados para os reverendos que se encontrem presentes.

Crianças, adolescentes, senhoritas, pais de família, viúvos e anciões, todos têm o dever de, em topando em qualquer parte um padre, dobrar joelhos em terra e, de cabeça descoberta, estender supplice a destra, dizendo: *Sós Cristo!*

E é porque ninguém, a não ser um reduzido número de papalvos, de beócios, de pobres de espirito, quer mais assim agir, que o padre Julio Maria ameaça ceus e terra com a proxima vinda do Anti-Cristo, a qual sucederá, de pronto, o perecimento da humanidade pelo fogo.

O padre na sociedade moderna baixa de cotação de dia para dia.

Horror! Hontem, era o Papa Pio X a fulminar de excomunhão maior a todo aquele que forçar um eclesiástico a comparecer perante um tribunal civil.

Hoje é o redemptorista Julio Maria a lançar apóstrofes contra aqueles que não lambem as plantas aos sacerdotes, contra os que não lhes babujam as mãos com a saliva da mais vil adulação, contra os que não lhes entregam a direcção da sua consciencia e contra os que não lhes confiam a tarefa de lhes governar a familia.

Não enxarga o idiota que a influencia do elemento teocratico tinha de cair fatalmente com os progressos da humanidade.

Tinha de cair, porque todas as religiões espiritalistas em geral, e de um modo mais particular o catolicismo, professam principios talvez toleraveis em épocas nas quais a intelligencia humana se achava em periodo arcaico da sua evolução, porém inadmissiveis, soberanamente ridiculos em face das modernas acquisições filosoficas que têm sido realizadas em os últimos tempos.

E tinha de cair. Tambem porque nem sequer p'ra si tinha, como não tem, o elemento

teocratico qualquer valor, qualquer merecimento, que pudesse ser posto em evidencia nos seus elementos componentes.

Ao contrario, esses elementos, que são as individualidades que constituem o clericalismo, sempre se caracterizaram pela mais completa perversão moral, pela mais desenfreada dissolução dos seus costumes.

Em todos os paizes católicos os padres representam o expoente mais elevado de todos os vícios, de todas as miserias morais — da cupidéz a mais torpe a libidinagem nas suas formas as mais repugnantes e as mais abjectas.

E são esses os individuos que o padre Julio Maria quer ver figurando como berloques e penduricalhos nos colares de todas as damas e nas cadeias de relógios de todos os cidadãos.

Antevendo, porém, que esse seu objecto é irrealizavel e constitue para toda a gente objecto de escarneo, êle, novo Jonas vomitado, de fresco, por uma baleia nas proximidades de Ninive, assevera que os dias da humanidade estão contados e que não tardará muito o incêndio do planeta com a carbonização de todo o ser vivo existente na sua superficie.

De facto, esse grande incêndio está, actualmente, sendo ateado em todo o mundo. E' o incêndio da liberdade do homem, que vai-se propagando ao influxo da ideia nova, bafejada pela aragem propicia da verdadeira sciencia.

Graças a esse incêndio, que deve purificar a humanidade, dia virá em que não mais a massa espessa se dividirá em gozadores em pequeno número e sofredores em grande número, em que nenhum tipo terá a petulância de querer avassalar a consciencia alheia e em que serão, oh! si serão! moralmente reduzidos a cinzas os representantes de certa casta, que pelo aspecto lembram já os corpos carbonizados e que se inculcam como delegados de divindades na terra, com a missão de governar os homens, explorando-os, de todas as formas, em seu proveito directo e immediato.

Ignoto.

## Cristo que é?

Personalidade histórica? — louco? heroi lendário?

(Reflexões dum leitor de «La Libre Pensée»)

E' lógico que quem faz uma afirmação apresente a prova do que afirma. E eu não posso ser obrigado a crer que há hommens na lua, ou do outro lado da lua por não poder provar o contrario. Quem ignora não pode concluir nem afirmativa nem negativamente; ignora, o que implica suspensão de juizo até melhor informação.

Não sei se Deus existe, se existiu, se é possível que exista ou venha a existir. Ignoro igualmente, corolário inevitavel, se teve um filho, se tal filho tem história, teve nm lugar no passado, tomou parte no encadeamento dos factos, e isso me é duma oriental indifferença, se apenas considero as realidades existentes fora do meu pensamento, fora das representações que elas revestem em meus lobulos cerebraes.

Que eu creia ou não na existencia de Cristo, em nada isso alterará o que é ou foi, não tendo o meu saber nesse ponto influencia sobre a marcha dos fenómenos siderais ou sociais, pois sou apenas uma quantidade infinitesimal, desdenhavel e sem influxo.

«Temos os Evangelhos! a palavra de Deus! a revelação!»

## Preceitos divinos



Disseram os deuses: «Ganharás o pão com o suor do teu rosto»... para os teus exploradores.

Assim me falarão os teólogos cristãos!

Os Evangelhos? — Conheço o livro, aqui está diante de mim, largo, volumoso; um bloco de papel de encadernação forte, impresso pelos Bondelli em Berna, ai por 1767, a mim transmitido, através de mais dum século, por uma longa série de piedosas avós.

Mas um livro não passa duma obra humana, produto de razão ou produto de imaginação. E' um testemunho; é pensamento cristalizado, fixado, materializado, uma voz que falia aos olhos, é uma afirmação.

O Evangelho afirma: Cristo foi, diz êle, nasceu em Bethleem, viveu na Galileia, caminhou sobre as aguas dum lago, apaziguou um furacão, curou milhares de doentes sem o auxilio da medicina, morreu, resuscitou, subiu ao ceu. Isto está escrito, mas a escritura não constitue de per si uma prova.

Ensinaste-me a considerar como santo esse documento, chamais-lhe «sagrado»; qualquer outro livro é por vós classificado de «profano», são palavras e não provas, êsses qualificativos nada acrescentam ao valor do livro.

No tribunal da razão e do saber, nenhum testemunho escrito pode admitir-se, não vindo acompanhado de provas que demonstrem:

- 1.º que o documento é autêntico, que não sofreu transformação, nem interposição, nem modificação alguma, que não foi encurtado, nem simplificado, nem aumentado, que se conservou, através dos tempos, sempre igual a si mesmo;
  - 2.º que foi de facto escrito pelos autores a que foi attribuido;
  - 3.º que estes últimos foram de boa fé, que nada escreveram que não fosse por eles considerado como verdadeiro, como conforme aos acontecimentos;
  - 4.º que os contemporâneos dos autores tiveram conhecimento tanto da obra como dos successos que ella relata e que comprovaram devidamente a veracidade da primeira e a realidade dos segundos.
- E no caso de serem os contemporâneos ignorado a obra ou os documentos em questão, haveria necessidade de ver se

há concordância entre as narrações de uns e de outros, e se os contrastes por elles oferecidos são de molde a invalidar tudo ou parte das narrativas discutidas, ou se não passam de quantidade desdenhavel, isto é, se não prejudicam a autenticidade nem a veracidade dos documentos considerados.

No caso de sobre os acontecimentos referidos terem sido mudos os contemporâneos, haveria necessidade de investigar até que ponto é admissivel a ignorancia deles, ou por que motivos se terião calado.

Finalmente, haveria necessidade de saber se os ditos acontecimentos são conformes à natureza mesma das coisas e se constituem outras tantas possibilidades, isto é, se são admissiveis, racionalmente falando.

Pedro Grepil.

## Bíblia vermelha

As palavras do Evangelho: «Bemaventurados os pobres de espirito, são a mais espantosa mentira, que no espaço de muitos séculos não conservada a humanidade num pantano de miséria e servilismo... E que os pobres de espirito são, forçosamente: rebanho, carne de escarvão e dor... Enquanto houver multidões de pobres de espirito, haverá multidões de miseráveis, de bestas de carga exploradas e devoradas por uma infima minoria de ladrões bandeiteiros. Todavia, dia chegará em que a humanidade seja livre e feliz: essa será a humanidade que saiba e que queira.

E preciso livrar o mundo do pessimismo da bíblia, que há dois mil anos vive para a morte, pois não há coisa tão caduca nem tão perigosa como o velho Evangelho semita, applicado como código moral e social... Bemaventurados os intelligentes, os homens de vontade e de acção porque elles posturão a terra!»

Emilio Zola.

## Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

O nosso companheiro Santos Barbosa fará quinta-feira proxima, após a reunião da Liga, a segunda palestra sobre as proteções do padre Julio Maria, desenvolvendo o tema: A Justiça de Deus e o regresso da heresia.

A entrada será franca. HEDA PROVISORIA: SUA GENERAL CAMARA, 33b.

## Onde está Idalina?

Idalina appareceu em Portugal... e em Buenos-Aires... — Teremos uma nova tentativa de mistificação?

Sexta-feira passada, quando a *Lanterna* já se encontrava na rua e dávamos inicio ao trabalho da sua expedição para fóra, fomos surpreendidos por uma curiosa noticia que nos vinha da rua com a desusada gritaria da gavrochada.

« — A descoberta da Idalina! — apregoavam os vendedores de jornais, espalhando por toda a cidade o sensacional acontecimento.

Apanhámos um jornal e lá estava, ainda fresquinha como a virgindade do padre Faustino, encabeçada por titulos garrafais alinhados à moderna e em grosso corpo 10 entrelinhado, a terrivel noticia que vinha trazer a nós a certeza de 30 anos de cadeia e a canonização à casta gente do sacrário do Ipiranga.

Idalina está viva e acaba de apparecer lá pelas bandas de Trás-os-Montes, em companhia de uma familia que daqui foi há pouco tempo.

Vão ser, pois, confundidos, desmascarados todos os anticlericais que andavam p'ra a macular o santo nome de um padre cheio de castidade, que nem ao menos chegou a apertar a mão de uma donzela...

Eis-nos, pois, novamente na baila com o caso Idalina.

E como reviveu êle? quem o trouxe mais uma vez à tona da discussão?

Não fomos nós certamente, com o interesseiro intuito de um aumento da nossa venda avulsa.

Quando a *Lanterna*, logo nos primeiros números da presente fase, passada a grande agitação que aqui tambem se fez, prendendo todas as atenções ao protesto contra o infame fuzilamento de Ferrer, iniciou a sua campanha para a descoberta da orfã Idalina de Oliveira que havia desaparecido no orfanato clerical Cristovam Colombo, não fez mais do que cumprir o seu programa de folha de combate ao nefasto clericalismo e à sua influencia sempre maléfica sobre o povo ignorante e muito especialmente sobre a infancia desvalida. Foi com essa missão de grande alcance social e de premente necessidade no Brasil, onde os novos ideais começam ainda a desabrochar, que, há onze anos, Benjamin Mota a fundou e há dois anos reapareceu sob a responsabilidade dos seus actuais directores.

Se ao caso Idalina temos dedicado toda a nossa melhor atenção e grande parte da nossa actividade, foi porque a sua importância o exigia, como bem o demonstra a repercussão que êle encontrou por todo o Brasil e mesmo no estrangeiro.

Basta o seu bom exito não temos poupado esforços, temos feito tudo quanto nos era possível fazer, até bem rudes sacrificios.

E isso o fizemos porque o devíamos fazer. A *Lanterna* surgiu para esse fim. Dar batalla sem tréguas ao clericalismo e às crencas que justificam a sua existencia é a sua missão. Aqui estamos, portanto, no nosso posto a enfrentar os tarufos que, para se verem livres do peiorinho onde o povo os apedreja, pretendem armar uma nova mistificação, igual talvez à do ano passado e da qual saíram escandalosamente desmascarados.



Idalina

Idalina appareceu, noticiaram os diários, ainda que guardando as necessárias reservas.

Como, quando e onde se encontra ella?

Vejamos primeiro como divulgaram os jornais a grande nova.

A *Gazeta* foi o que mais espalhafato fez do caso, desdobrando a *grave* noticia por dois dias e escorripichando-a até à ultima gota...; a *Plata* deu-a, no mesmo dia, em ligeira nota de noticiário; o *Comércio* e o *Fanfulla* publicaram, e subtitulou o *Estado* o *grave* *Estado* dos *escorripichados*, tambem não a desdenhou, abrigando-a nas suas *Diversas*, não sem, porém, guardar as indispensaveis reservas; o *Diário*, o *Correio*, organo official, e a *Gazeta do Povo*, tambem organo official das sacristias, nada disseram, pelo menos nos números em que procurámos a nova sensacional.

Exceptuando o *Fanfulla*, que apresentou duas versões, todos os demais jornais rezaram pela mesma cartilha, dando as mesmas notas, que nisto se resumem:

Há pouco tempo foi empregado, segundo uns, ou internado como aluno, segundo outros, no Orfanato Cristovam Colombo, um menino recém-chegado de Portugal. Foi esse menino que, sendo homem em um dos jornais... em conversa com a gente do sacro Orfanato, disse existir uma Idalina em Vila Rial, na provincia de Trás-os-Montes, em Portugal, que daqui fóra há meses em companhia de uma familia portuguesa.

## CAUTÉRIOS

LXXI

Pelo que apregam alguns jornais desta capital, a Idalina desaparecida do Orfanato resuscitou em Trás-os-Montes, Portugal, ou, segundo alguns, em Buenos-Aires, Argentina.

O S. Faustino, o santo milagreiro, que todo o céu cheio de unção adora, Por ai anuncia alvitreiro Que uma nova Idalina não demora.

Esta vem de encomenda do estrangeiro, A industria nacional anda calpura: Com a Madalena foi-se bom dinheiro E o produto anual botou-se fóra...

Melhor prova porém dará a estranha... Pobre santo, o remorso o torna tonto E de tal arte a alma lhe desarranja,

Tanto a consciencia há-baxo o criminoso, Que ha-de chegar a obsessão ao ponto De êle em si próprio vir uma Idalina.

Beato da Silva



Sabendo disso, o padre Faustino, ansioso por demonstrar a sua santidade, deu imediatamente as necessárias providências para que seja trazida para aqui a tão procurada menina, já tendo mesmo com esse fim partido para Portugal um enviado seu. Assim falaram alguns dos rotativos. Um deles, porém, em uma entrevista realizada com um padre do Orfanato, desmentiu tal notícia, dizendo que ninguém foi mandado a Vila Rial.

Temos ainda a outra versão apresentada pelo *Fanfulla*. Este jornal publicou uma carta que diz ter recebido há diversos dias atrás, na qual o missivista afirma encontrar-se Idalina em Buenos Aires, à calle Talcahuano, 218.

E aí têm os leitores tudo quanto há a respeito do aparecimento da infeliz orfã Idalina de Oliveira, há cinco anos misteriosamente desaparecida do Orfanato Cristovam Colombo.

Apesar de não ligarmos importância a tal notícia, não deixamos de tomar as nossas providências para, dentro do tempo indispensável, desfazermos com provas cabais mais esta ridícula tentativa de embuste dos padres do Orfanato.

Já escrevemos ao nosso correspondente em Lisboa, assim como às associações livres-pensadoras e anticlericais portuguesas, pedindo-lhes que façam todas as diligências precisas no sentido de pulverizar o propositado boato, difundido pelos macabros histiões do Orfanato de má fama.

O mesmo foi feito quanto a Buenos Aires, para onde também escrevemos, pedindo as necessárias informações.

É questão, portanto, de um mês e pouco de espera para por estas colunas ficar mais uma vez desmascarado o negro bando de aves de rapina de nova espécie, que, de há diversos anos, com a complacência das autoridades, dos magistrados vem escarnecendo do povo com as suas desvergonhadas façanhas, com os seus escandalosos embustes.

Criminosos embusteiros, farracantes e mistificadores é o que é essa gente nefasta, chefiada pelo velho sádico que dá pelo nome de Faustino Consoni e bafejada pela proteção vergonhosa da carolíssima gente da governança.

Mas o povo já os conhece farracantemente assim como as mães jesuíticas e não se deixará iludir, embora a favor desses criminosos confessos se congregue essa clericalinha de batina e de casaca que avassala todos os ramos da administração pública.

Idalina não aparecerá, porque já não pertence ao número dos vivos. É essa a convicção de todos quantos têm acompanhado esta campanha.

Se ela existisse, de há muito que se teria sabido notícias suas, de há muito que a pobre orfã teria voltado para a companhia da família que a criou e à qual dedicava grande afeição.

Idalina não saiu do Orfanato, porque a tal fregoliana mulher apresentada pelos padres como a sua raptora não passa de uma fragilíssima criação fantástica.

Foi o que afirmou o Tribunal do Juri, corroborando as observações anteriores de juizes e da imprensa.

E se ela do Orfanato não saiu, lá deveria encontrar-se ainda.

Não há fugir.

No entanto a desventurada orfã não está no Orfanato e os padres nunca disseram onde ela se encontra.

Não o disseram e jámaia o dirão.

Idalina não existe, Idalina foi vítima de um desses crimes tão comuns nos conventos e colégios clericales.

Todas as façanhas, todos os embustes, todas as mistificações, todas as circunstâncias que rodearam o desaparecimento misterioso dessa pobre orfã levaram-nos e a toda gente à convicção de que Idalina foi vítima de um crime.

Com cinco anos de uma campanha ininterrupta, enérgica, clamorosa mesmo, com cinco anos de incessantes investigações não se conseguiu fazer aparecer Idalina, não se con-

seguiu descobrir do seu paradeiro nem o mais leve vestígio!

Não haverá no Brasil uma única cidade, por mais longínqua que seja, onde não tenha chegado o eco desta campanha, onde não haja quem saiba que no Orfanato Cristovam Colombo desapareceu, envolta no mais completo mistério, uma menina de nome Idalina.

Por toda a parte não faltou quem perguntasse: Onde está Idalina?

E todo esse clamor chegou a transpor as fronteiras, a atravessar os mares e encontrar eco até nos mais importantes órgãos de publicidade.

Apesar de tudo isso Idalina não apareceu!

Não indica o mais comedido raciocínio que se ela existisse, estivesse onde estivesse, teria alguma vez falado de si a alguém, teria feito referências de sua família, teria contado a sua história, e esse alguém não se calaria, transmitiria a notícia a outros, até chegar isso ao conhecimento dos interessados neste caso!

Se Idalina existisse não haveria ela de lembrar-se da família que a criou e com quem se encontra ainda o seu irmãozinho? Nem uma carta, nem um simples bilhete não teria ela ocasião de escrever aos seus pais adotivos?

Impossível!

Idalina não existe.

E tudo isso sem nos referirmos à acusação precisa, esmagadora que contra os padres foi feita. E essas acusações terribes, horrorosas, continuam de pé, permanecem inalteráveis.

Contra os padres foi feita a acusação de terem estuprado e assassinado Idalina.

E foram ex-alunos do Orfanato que fizeram tal acusação, sem que as suas minuciosas informações fossem desfeitas.

Pelo ridículo, escandaloso inquerito policial, que ainda está por ser terminado, nada ficou apurado em abono dos padres.

A terrível acusação pesa ainda sobre eles, firmando no povo a certeza da existência do crime infame.

Se os padres estivessem inocentes, se sobre a sua reputação não pesasse esse crime horrendo, não lançariam mão de meios escandalosos para se defenderem.

Basta citarmos a mistificação de Maria Madalena. Se eles não fossem criminosos não se atreveriam a apresentar, num sujo *truc*, uma outra menina como sendo a pobre orfã victimada pelos seus instintos criminosos.

Não; Idalina não existe, e a notícia agora divulgada pelos padres não passa de um dos tantos canarás atirados de vez em quando ao público com o intuito de fazer ver que Idalina existe e que eles não cessam de a procurar.

A actual notícia do aparecimento de Idalina partiu do Orfanato, que nem sequer quizesse assumir a sua paternidade.

E' ela tão sem fundamento, que nem merece os novos reparos. Os leitores dar-lhe-ão o devido valor.

Diz o tal boato, partido de um menino ou homem do Orfanato, que a nova Idalina que está em Vila Rial partiu há pouco tempo.

De forma que, por essa notícia, Idalina ainda há pouco tempo estava em S. Paulo sem que ninguém soubesse dela!

Simplemente ridículo!

E depois encontra-se também em Buenos Aires, na calle Talcahuano, em uma casa que, por informações seguras, sabe-se ser um prostíbulo!

Grandes tartufos! Refinados criminosos! Preparai, preparai uma nova mistificação que nós aqui estamos para vos desmascarar.

Vamos, apresentai uma nova Maria Madalena, que mais uma vez havemos de demonstrar que não passais de criminosos farracantes, embusteiros e mistificadores.

E o povo não cessará de vos perguntar:

— Onde está Idalina?

*Porque não se declarou a greve geral projectada — A derrota dos grevistas e o reconhecimento franco da burguesia ao grande estrategista do governo — O principal artigo do programa monárquico plagiado — Universal e eterna ilusão dos conservadores de combate — Onde se mostra que a República não corre perigo — Os que se louvam pelos seus lindos olhos e os que a defendem por interesse de classe — Mais vale a repressão do que um novo período de promessas ilusórias.*

LISBOA, 29 DE JUNHO

Não chegou a declarar-se a greve geral de solidariedade e de protesto que algumas classes operárias tinham decidido, ante a intervenção violenta do governo na parede do pessoal da Companhia Carris de Ferro de Lisboa.

A responsabilidade desse facto é pelos sindicalistas atribuída à Junta Sindical do Sindicato Ferroviário, a qual trefiu o mandato que lhe fora dado em assembleias gerais e as solenes e públicas promessas, feitas aos grevistas, de solidariedade moral e material, «até aonde preciso fosse».

As corporações decididas à greve esperavam, pois, que o movimento fosse iniciado pela dos ferroviários, isto é, pela que mais influência poderia ter na decisão da contenda; mas como ela, no momento oportuno, graças aos representantes das secções mais conservadoras, como o pessoal dos escritórios, recuou diante da acção, contrariando o desejo dos seus elementos mais retinamente operários, aquelas corporações não se moveram, com excepção dos corticeiros, que ainda fizeram greve por dois ou três dias.

E assim os despedidos da Companhia são mais dumha centena, há alguns militantes sindicalistas arbitrariamente presos, e o ministro do interior, chefe do ministério, que se limitou a tomar medidas de força e a mandar executar operações policiais, sem ter podido encontrar uma solução razoável para o conflito, deixando uma irritação profunda nos elementos mais activos e conscientes do proletariado, triunfa em toda a linha e a burguesia comercial e industrial considera-o como o seu grande homem, acentuando-lhe o triunfo com mensagens de louvor.

A República tira deste modo à contra-revolução monárquica um dos principais pontos do seu programa: a repressão enérgica dos movimentos operários, o restabelecimento da «paz social», a manutenção da ordem burguesa. Sob o pretexto de fazer a «defesa» do regime e de «explicar» (alguns dizem «ampliar») a legislação existente, trata mesmo de editar leis repressivas, de redacção elástica e arbitrária, que, mais do que aos monarchistas, poderão atingir a propaganda libertária, antimilitarista e internacionalista. O arbitrio da autoridade tem nessas leis largo campo, unicamente restringido, como sempre, pelo estado da consciência pública e pela resistência popular directa.

Naturalmente, a acção repressiva, que a restauração monárquica promete e que a República vai adoptando com vários pretextos e desculpas, não faz senão multiplicar os germeos do descontentamento e agravar os conflitos entre o Capital e o Trabalho, apenas conseguindo, quando muito, temporariamente odiá-los e aparentemente resolve-los. Mas esses métodos agradam sobremaneira às classes conservadoras que eternamente confiam na sua maravilhosa eficácia, e que consideram as greves e revoltas operárias, não como um produto natural e universal da presente constituição económica da sociedade, mas como um resultado artificial dos incitamentos de singulares agitadores profissionais!

Apesar de tudo, esses processos de governo, se desiludem, não ameaçam gravemente a vida da República, nem fornecem trunfos seguros aos contra-revolucionários.

Os desiludidos não passam para a monarquia e à República restam sempre as altas camadas da burguesia, superiores a qualquer governo e complacentes com qualquer regime que lhes defenda e respeite as prerrogativas e interesses; as classes médias, interessadamente democráticas, pois com a democracia estão mais perto do governo; o militarismo profissional, que teve um certo ganho de prestígio e de vantagem...

E' certo que essas categorias sociais, na sua maioria, não se batem por um regime, e o próprio exercito está por um lado sujeito a golpes de mão audaciosos e por outro às influências do meio popular, unico elemento verdadeiramente renovador e unico esteio sólido das instituições políticas.

Mas é que os operários também preferem a República; e não a preferem só os que, apesar de tudo, ainda dela esperam benefícios sensíveis, mas até os que a conheciam de antemão ou já sofreram uma desilusão severa.

Sim, senhores, esses mesmos não deixariam impassivelmente periclitarem o regime republicano, em favor duma restauração monárquica, seja qual for a sua actual irritação ante os actos de força e de parcialidade do governo, ante a violação dos direitos rudimentares de associação, de reunião e de greve, ante as insídias, as calúnias e os sofismas hipócritas.

A contra-revolução rialista, reduzida aos elementos clericais e palacianos, animados do mais feroz desejo de vingança, não tem no seu programa mais do que uma promessa de repressão e de reinado da paz varsovia. Está bem conhecida e batida, a velha megera monárquica, e não tem influência alguma sobre a opinião que vale e sobre o proletariado urbano. Não ameaça, pois, nem a República, nem o trabalho de organização e educação do operariado.

Outra coisa seria o partido republicano, se a ser oposição voltasse. Passados os primeiros anos de desorganização e desorganização e desânimo, envenenada a geração de combate que tivesse visto o valor da obra e das promessas republicanas, esse partido teria bastantes tribunos eloquentes, jornalistas vibrantes, gazetas difusas, forças económicas e políticas, para afastar de novo as massas operárias da organização de classe e da luta própria, em que elas devem consumir todas as suas energias, emancipando-se por si mesmas. Essa distração de forças e de atenção faria ao operariado muito maior mal que a repressão, cujos efeitos os republicanos devem conhecer...

Seja como for, é dentro da república, embora sem o apoio dela, que o proletariado deve evoluir e preparar-se tenazmente para a missão histórica que lhe compete.

Art. 3.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Paço da Câmara dos Deputados do Estado de Goiás, 27 de junho de 1912.

Abílio Wolney, presidente.

Arnulpho Ramos Maiado, 1.º secretario.

Jose Licinio de Miranda, 2.º secretario.

Confere, Ramos Jubé Filho.

Pobre Constituição Federal! Proibiste categoricamente à União e aos Estados a concessão de auxilios ou subsídios a qualquer confissão religiosa, entretanto União e Estados fazem tanto caso de ti como os cínicos Faustino e Consoni dos clamores do povo brasileiro, a querer saber onde está a desditosa Idalina.

Os padres, dos nossos poderes públicos, só não obtêm aquilo que não querem.

E apesar disso, o rev. Júlio Maria ainda acha que eles andam muito desvalorizados, que não se lhes liga importância, que todos lhes aplicam o — *tão bons como tão bons*.

Porventura há leis para eles? Em parte alguma, pagam impostos; tudo conseguem com a maior facilidade, ainda mesmo contra a letra expressa da Lei.

Que mais quer esse *guela* para honras e consideração social, que é o sr. Júlio Maria?

**CONFETOS BÍBLICOS**

*Faraó, nada tendo obtido das parteiras, que receavam perder a clientela, ordenou ao povo israelita que lançasse ao rio todas as crianças do sexo masculino. E é aqui que vem, no Exodo, a poetica história do menino Moisés.*

Um casal da estirpe de Levi teve um lindo e perfeito bebé, escondendo-o durante três meses. Depois, não podendo durar aque-la situação, meteu-o num cestinho de junco calafetado com betume e peç e expô-lo num canavial à margem do rio. A filha do rei, vindo ao banho, deu com elle e enterneceu-se. A irmã do pequeno exposto, que andava por ali, a vigiar, ofereceu-se para chamar uma ama hebreia. Era a própria mãe, que foi pela princesa encarregada de criar o menino, mediante pagamento: dois proveitos num saco. Apenas crescido, a mãe-ama entregou-a a princesa, que lhe pôs o nome de «Salvo-das-aguas»: Moisés.

Era então Moisés já um moçoito; e um dia, vendo um egipcio a espancar um dos seus irmãos hebreus, deu cabo do violento e escondeu-o cadaver na areia. Não se sabe como, a coisa transpirou e Moisés teve de fugir, para escapar às iras de faraó.

O futuro chefe de povos refugiou-se em Madian, onde havia um sacerdote que tinha sete filhas (os de hoje, sendo católicos, só tem sobrinhas). As sete filhas, vindo à fonte encher a cantarinha e dar de beber ao gado, foram ali maltratadas e expulsas por uns pastores; e Moisés, galante e cavalheiroso, defendeu-as e ajudou-as na tarefa. Resultado: o pai das moças convidou-o para jantar, o joven cavalheiro andante ficou-lhe em casa naturalmente como guarda das guardadoras gentis dos rebanhos sacerdotais, e veio a casar com uma delas, Sefora, que o presentou com dois moçoitinhos, Gersão e Eliezer.

Romance que não acaba em casamento não tem graça.

**O Confeitiro.**

**De guarda à freguezia**

**UMA NOVA SENSACIONAL**

LISBOA, 11 (directo) — Os monarchistas fugidos de Cabeceira de Basto acham-se refugiados nas freguezias próximas. Cento e cinquenta deles armados de espingardas e duzentos com fucos, chuchos e roçadeiras seguiram para a serra do Larouco a fim de reforçar a coluna rialista de quinhentos homens.

Em Cabeceira de Basto apenas ficaram as mulheres, e um padre que todos os domingos obrigava os homens válidos a pegarem em armas, conseguindo juntar oitocentos.

(Do Correio).

Ai têm um sacerdote que sabe cumprir os seus deveres, fazer as coisas como elas devem ser feitas.

A que estaria hoje reduzida a República em Portugal se duas dúzias de seus colegas fizessem como ele, se aos domingos, depois da missa, em frente à igreja, tal como no Vaticano hoje se pratica, enfileirados, ensinassem ao rapazão a maneira rápida como se deve manejar a carabina e o sabre, executar as manobras da arte militar, para o bom exito da obra santa há tanto tempo esperada: — o exterminio dos inimigos de Deus e a restauração da fidelíssima monarquia católica tão cara a S. Santidade e à sua santíssima companhia.

Entretanto, tendo soado a hora desejada, ei-los os de Basto que se vão, oitocentos, alegres e marciais, a batalhar pelo Rei, deixando, saudosos, sob a guarda do santo homem, as caras esposas e o mais que possuem!

Ah! como estarão as boas e ternas criaturas confiantes, vendo que têm a velar-lhes o socego o seu anjo da guarda que é o sr. cura de Cabeceira de Basto!

Não ficaria bem, de certo, ao digno pastor abandonar as mulheres dos guerreiros mi-nhotos aos imprevidos da sorte, seguindo com eles para o campo da peleja, como entendem por aí erradamente.

Procedendo como fez é que está direito. Emquanto os outros, os homens, dão caça às feras republicanas, ele cuida do bem-estar e da segurança de suas mulheres, o que é, às vezes, mais espinhoso e arriscado, estejam certos, do que derrubar a tiros de espingarda e a fougadas os gatos pelados que defendem o frangalho verde e vermelho, como os chamou o Júlio Cesar, o padre Júlio de quem vos falamos há oito dias.

Diz-nos outro telegrama do dia 12 que em Cabeceira de Basto foram derrotados os rialistas capitaneados pelo padre Domingos Pereira.

Esta é que não nos pode entrar cá na caixa do juizo.

Pois então Deus deixaria assim ao abandono a sua gente? Não, não é possível.

Hão-de ver que um destes dias, no mais acedo da peleja, ele mandará a sua cavalaria, tal como fez outrora quando Mathathias e os seus filhos Machabeus andavam a guerrear os Amalecitas, colocar-se ao lado dos rialistas, semeando o espanto e a destruição nas fileiras republicanas.

Não duvidem, porque grandes coisas estão anunciadas pelas bocas dos profetas.

O Júlio Maria já sabe de tudo, porém nada mais quer dizer para que a surpresa seja maior e a derrota completa.

Tudo o que estamos assistindo é, não há mais dúvida possível, obra do anti-cristo, prenuncio evidente da segunda vinda do Filho de Deus a esta terra que há tanto o espera.

Por ora sabemos que estão em campo três varões decididos — o Domingos Pereira, o Júlio Cesar e o sr. cura de Cabeceira de Basto. Este último, dizem mais, depois de haver armado os homens, pensa também em fazer o mesmo com as mulheres dos burgueses de que tem a guarda.

Então a que não ficará nem mais sombra de carbonário e ainda menos dos gatos pelados as ordens do governo do sr. Arriaga.

E não é que no meio de todo este reboliço; explodir de

**EM BAURÚ**

**Um repto aceito e... recusado**

Pode o padre Pires desoançar esta semana, pois foi essa a ordem que recebemos do nosso Doge da Maia.

Na próxima semana terá nova tarefa. Entretanto já apreciando o sucesso que em Baurú tem causado os artigos que D. Pires lê e encandida. Já deve também ter notado com que ansiedade é na sua paróquia procurada a *Lanterna*, engatando-se rapidamente o pacote que para lá enviamos.

E isso ainda continuará por um bom tempo.

Depois, pois, D. Pires, que ainda há muito pane para a manga.

**'A Velhice do Padre Eterno'**

Temos novamente a venda, a 28000 e exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

*Neno Vasco*

**QUE CONGRESSO!**

Do Estado de Goiás transcrevemos o seguinte:

Autographo n. 5.

O Congresso do Estado decreta: Art. 1.º — O auxilio de dez contos de réis de que trata a lei n. 293, de 4 de julho de 1907, será concedido ao Bispo Diocesano para conclusão das obras do Seminário de Ourõino, visto a impossibilidade da construção do mesmo nesta capital.

Art. 2.º — Este auxilio será entregue em cinco prestações, pagas a proporção que as circunstâncias do Estado o permitirem, a juizo do governo, devendo a primeira ser realizada desde já.

bombas, prisões, julgamentos de conspiradores, combates, vitórias e derrotas, nos surge uma notícia inesperada!

Encontrei-a na 2.ª coluna da 3.ª página de um grande jornal daqui, logo abaixo de um anúncio, com este título vistoso: «A MENOR IDALINA ESTÁ EM PORTUGAL»

S. PAULO, 12 (Americana) — A Gazeta recebeu comunicação que Idalina está em Portugal.

Agora é que os anticlericais têm que pagar tudo por junto e com usura.

E a derrota definitiva, infalível, inevitável, desta vez, dos amaldiçoados!

E a glorificação, a apoteose, a canonização futura e certa do martir Faustino!

E a Justiça divina confundindo os maus e protegendo a inocência!

Vamos, de joelhos todos. Imploremos o perdão ao santo do Ipiranga.

Ah! quanto sofreste com a pergunta fatídica, obsidente: ONDE ESTÁ IDALINA?

Pois aí têm-na: está em Portugal, está em Portugal!

Hão-de ver que há ainda quem diga que é uma nova farça, a repetição do que se deu com a Maria Luiza e a Itala Fonte.

Não, desta vez é sério. Não há mais mistificação, não senhores.

E' ela mesmo, a autêntica Idalina!

Adreca!

Rio, 14 — 7 — 912.



Vida operaria

EM S. PAULO

Os gráficos — Terminou a greve da corporação da «Sociedade de Artes Gráficas», que já durava há 35 dias. Da comissão dos operários que da mesma se desligaram em consequência do fracasso do movimento, receberam a seguinte nota:

«Lastimamos ter que registrar o fracasso do movimento que há mais de um mês vinha interessando a classe gráfica desta capital. Mas é forçoso fazer-lo para que todos fiquem conhecendo a conduta dos inconscientes, dos judeus, infelizmente em maioria na corporação da «Sociedade de Artes Gráficas», indivíduos esses que, aprovando com entusiasmo o protesto contra os primeiros crumiros lançado em público, preparavam caladamente a traição aos colegas que, dedicadamente, desde o início da greve, empregavam todos os seus esforços, toda a sua energia para ser conseguido o nosso desiderato.

Esses tipos, que tendo a forma de homens devem ter o cérebro de gorilas, com o seu procedimento actual demonstraram que aderiram ao movimento por não lhes ter a gerência dado logo a alta honra de convidá-los para o comovimento simpático, reconciliativo, pois quando o receberam acorreram precurosos, «qual greze che o pastor chama», desprezando o compromisso assumido com os demais colegas e esquecendo-se de que, por um infeliz aborto da natureza, pertenciam à raça dos seres racionais...

Se temos, porém, de lamentar o suicídio moral desses carneiros, podemos em compensação consignar com orgulho a afirmação de dignidade de um punhado de homens que não recusaram ante o espectro da miséria com que os exploradores costumam aterrorizar o proletariado.

Esses operários de consciencia limpa, prevenido o desfecho deplorável que a ter a greve, foram na segunda-feira passada pela manhã à porta da oficina fazer com que aqueles tipos sentissem um pouco de vergonha pelo seu procedimento e voltassem à solidariade.

Julgando que ainda lhes restasse um traqueio de sentimentos humanos, fizeram-lhes ver a indignidade do acto que iam praticar stripando de seus coletes, quando tinham recebido um subsídio para continuarem em greve. Fosseis homens, cumprissem a sua palavra comparcendo à reunião que se ia realizar e à qual tinham comprometido assistir.

Foi debaixado! Nem as mais humilhantes reprovações os demoveram da intenção de stripar os seus companheiros.

E assim terminou o movimento que com tanta simpatia foi acompanhado por toda a classe gráfica de S. Paulo, que deve conhecer agora os tipos que manchem o seu bom nome. São estes os seus nomes: Umberto Rolis, Sylvia Calbi, Gino Calbi e Guido Valzan, desastrosamente estes dois últimos que mais se destacaram na aviragem.

Não nos deve, entretanto, desanimar este facto, pois os trabalhos da organização da nossa União Gráfica prosseguem activamente, sendo dentro em breve a classe em condições de defender vantajosamente os nossos direitos.

Quintino Bocayuva

Faleceu no Rio, já em avançada idade, este democrata de velha tempera, cuja vida foi toda cheia de gloriosas campanhas em favor dos principios liberais de que foi sempre um ardoroso campeão.

Saindo como tipógrafo do seio do povo, do qual conservou sempre a simplicidade e o desprendimento, chegou a ser o mais considerado jornalista do seu tempo e a conquistar um lugar de rial destaque no mundo das letras, sem mencionarmos os cargos que occupou na politica.

As suas últimas vontades, consignadas nas suas disposições testamentárias, patenteiam bem a sua inteireza de caracter e a firmeza de suas convicções.

Foi maçom e adversário da Igreja e como tal morreu, pedindo aos seus que não admittissem intervenção religiosa de espécie alguma no seu enterro.

Numa terra onde o carolismo domina e poucos são os que matêm firmes as suas ideias, é este um exemplo digno de menção.

No próximo número publicaremos mais uma nota a respeito.

Refutação à sétima conferência do bonzo Júlio Maria

IV

Não é com prédicas, como as que actualmente está fazendo o bonzo Júlio; não é com padres-nossos e aves-marias, não é com confissões, comunhões e absolvições; não é com missas pelos mortos, «te deum» em acção de graças; não é com rezas e orações por este ou aquele santo nem tampouco com canonições ou apregoar moral com o que se faz progresso, isto é: se impulsa a agricultura e se adiantam as sciências, as artes e as indústrias; não! A humanidade, já algum tanto consciente de si mesma e conhecendo que a sua missão é outra que não as grosseiras e por demais estúpidas práticas supersticiosas medievais, vai se desprendendo pouco a pouco dessa religiosidade boçal de passadas éras para entregar-se ao laborioso trabalho e procurar o seu bem-estar.

Os trabalhadores, que é a quem nos dirigimos, devem compreender-se desta verdade: — que sem religião vive-se perfeitamente, porque ela não enche barrigas.

Todo o progresso que hoje observamos em todos os ramos do saber humano não se fizeram pela religião ou para a religião, mas contra a religião. Não foi Deus quem inventou a escrita, os algarismos, a medicina, a bússola, a pólvora e a imprensa; foram os egipcios, os árabes, os gregos e os chineses; não foi Cristo quem descobriu as leis da atracção universal: foi Newton; não foi o Espirito-Santo quem ensinou que a terra se movia: foram Copérnico e Galileo; não foi a Virgem Maria quem construiu o pára-raios e o barco a vapor: foram Franklin e Fulton; não foi S. Pedro quem inventou o telégrafo eléctrico: foram Trevithick, Vivian e Morse; não foram, enfim, S. Teresa de Jesus ou o illustrado Leão XIII quem inventaram o tear, a máquina de costura e o fonógrafo: foram Jacquard, Howe e Edison. (1)

Se tudo, pois, o devemos ao nosso próprio esforço, que necessidade temos de padres, de igrejas, de religião e até de Deus?

Absolutamente nenhuma. Dai a inutilidade das conferências do bonzo Júlio.

A segunda vinda de Cristo, tão solene e gravemente anunciada pelo bonzo Júlio Maria, novo Esquiel, novo Daniel, neste século XX e à face do um mundo que se diz civilizado e instruído, é uma sáprada tolice sob o ponto de vista scientifico.

Jesus Cristo, cuja existência histórica ainda não foi posta a limpo, nunca poderia ter subido ao céu pelas duas rodas seguintes que, dentre muitas, passo a expôr: — 1.ª, porque se existia e morreu, nunca resuscitou; 2.ª, porque não ha tal céu.

Não há céu! E este é o mais poderoso argumento contra as insustentáveis marianês!

Não há céu, tão pura e simplesmente porque os homens, auxiliados

(1) Luis Fignier, «As grandes invenções, antigas e modernas»; editor: R. Ferri, S. Aires, 1904. V. também Castro, Hist. Univ. n.ºs XI e XII, pag. 430 deste último.

pelo telescópio — que não foi invenção de Deus, mas dos mesmos homens — o destruíram! (2)

E neste caso, para onde é que o Cristo foi e donde é que ha-de vir?...

Mas deixemo-nos dessas puerilidades, que nem merecem a honra de serem discutidas, e vamos às outras proposições avançadas por bonzo Júlio, áquelas de — «a Igreja libertou-nos do erro» e «detenheu-nos contra o despotismo».

A primeira já respondemos no segundo artigo, mas faltou nos acrescentar que apesar de 2.000 anos de dominio e sempre libertando-nos do erro, a Igreja ainda conta entre os seus aderentes — 200 milhões apenas, sobre um total de 1.600 milhões de habitantes que actualmente povoam o nosso globo — a Igreja conta entre seus aderentes — diziamos, 152 milhões de analfabetos, segundo o testemunho de um escritor (3).

Simplifiquemos: — População do mundo: 1.600 milhões; desse número 200 milhões ou 1 oitavo são católicos, os quais representam sobre a população total do mundo 12 e 25 milésimos de habitantes por cento (12 e 25 %); e desses 200 milhões de católicos, 48 milhões (24 %) sabem ler, isto é, enxergam alguma coisa, e os 152 milhões restantes (76 %) desconhecem completamente a letra o, isto é, são inteiramente tapados!!!... E a Igreja libertou-nos do erro!...

Quanto à segunda proposição de bonzo Júlio — «a Igreja defendeu-nos contra o despotismo» — também já respondemos no passado artigo, mas convem acabar de espatifala.

João Martins

(2) O céu não existe. O espaço astronómico é infinito. (Flammariou, «Narrações do Infinito», pag. 437). (3) J. Guérios, «A decadência do Romanismo», pag. 2 e 3. Garahuns, 1911.

«A LANTERNA» NO INTERIOR

Em Jardinópolis

Dos companheiros do Circulo Anticlerical Franciscano-Ferrer desta cidade, que em tempos foram o exemplo da actividade e da dedicação na propaganda, recebemos a carta que abaixo publicamos, lamentando que se tenha de perder tempo e energias com factos de tal natureza.

Entretanto, já que de outra forma não se pode pôr termo a uma situação ruinosa para a nossa luta, aqui vai a carta:

Companheiro Edgard: Embora não tenha o prazer de uma sua intima relação de correspondência, como mesmo assim a liberdade de pedir-lhe que me conceda um pequeno espaço na valente folha anticlerical por si redigida.

Não é sem um profundo desgosto que me sinto forçado a romper com uma situação apática que tem reduzido o nosso centro de combate a um lamentavel estado de entorpecimento, de indiferentismo, e convidar publicamente um companheiro que foi em outro tempo um nosso mestre querido, escolhido para nos guiar na luta, a nos dar uma satisfação racional acerca do seu equívoco procedimento.

Carta aberta ao sr. Eduardo Vasimom

Pelos factos que se desenrolam diariamente em Jardinópolis, torna-se indispensavel fazer publicas estas nossas observações, a fim de poder dar uma solução cabal a uma situação que voca a respeito do nosso movimento anticlerical e livre pensador, em favor do qual v. s. foi chamado para dar-lhe maior brilho e desenvolvimento.

Permitti, portanto, sr. Eduardo Vasimom, que vos digamos não sentir por v. s. o mínimo rencor pessoal, mas unicamente o justo resentimento de companheiros feridos pelo vosso procedimento inexplicavel em um livre-pensador, e que usemos sempre toda a nossa sincera franqueza para estigmatizal-o.

E' preciso esclarecer uma situação que se torna misteriosa para ambas as partes. Um homem não pôde apresentar dois papéis na sociedade sem que o seu caracter sofra modificações.

Assim entendemos da vossa conduta. Serão, talvez, admissíveis em um de nós certas transigências pela razão de não alcançarmos a certas transigências pela falta de preparo intelectual, mas em um Eduardo Vasimom não se compreende.

E' preciso, pois, que vos dignéis dar-nos uma justificação acerca do vosso procedimento, pedido este escriptado em certos limes que nos têm unido e na grande confiança a vós tributada.

Limitamos-nos por ora apenas a esta pequena acção sobre o vosso desvio, na certeza de que v. s. se explicará satisfactoriamente, não pelo amor que temos ao ideal do livre-pensamento, assim como pela consideração que em outro tempo a vós dedicamos.

A' espera de uma resposta, subscrevo-me. Pelo «Circulo Anticlerical Franciscano-Ferrer» — João Martins.

S. JOÃO D'EL-REI

Impressões de um viajante

Do autor das correspondências que sob este titulo temos publicado e que tanto successo têm alcançado na velha cidade mineira, recebemos a seguinte carta:

Amigo redactor d'A Lanterna.

Saudações.

Devido a uma comissão de que fui encarregado de fazer fóra desta capital, não vos mandei ainda as minhas «Impressões de um viajante» colhidas em S. João d'El-Rei. Espero, porém, mandar-vos por estes dias, caso não tenha alguma coisa que me obrigue a retardar os meus artigos.

Vosso amigo e criado

J. Pinto da Fonseca.

Rio, 6 — 7 — 1912.



Capital e trabalho

Doenças, accidentes no trabalho e morte do proletariado — O que tem de nesses casos.

Chegamos, agora, a outro ponto de capital ponderação, na vida do operário.

O trabalhador, em geral, pela sua vida e pelos seus hábitos, e muito mais refratario a contrair enfermidades do que todas as outras classes, mesmo porque a escola sadia do trabalho impede o operário de enfermar-se.

Isso, porém, não é regra geral e elle, que tambem não é de ferro, embora raras vezes, adoece.

Que lhe succede nesse caso? E' o quadro da miséria, de dor e de aflições que vamos descarolar.

Preso ao leito do sofrimento, sem recursos nem meios, além do médico e da farmácia, — que elle e não os patrões, quando ainda se achava com forças e vigor, se garantiu, sacrificando parte do seu infimo salário, pela previdência da classe, — cercado de filhinhos a pedirem pão, além de não ter o tratamento necessário, ainda sofre os horrores de ver sofrer a sua familia. E a esposa, essa pobre e resignada mártir, tem, forçosamente, de buscar trabalho, para não perecerem a mimiga ella e os seus. E o enfermo fica entregue aos cuidados de crianças pequeninas, aos quais ainda devia elle vigiar e não ser por elles vigiado. Isto, bem entendido, se a sua molestia não for grave, do contrário, atira-se-o para o hospital de onde voltam 10 sobre 100 e a familia, durante a sua ausência, veja como se arranja.

Assim, a esposa parte, obrigadamente, para o trabalho e os filhinhos ficam sem direcção e sem governo.

Dai, as infames desgraças nas familias proletárias: uma criança que se queima, outra que se envenena, etc., etc., são os lúgubres painéis que a imprensa diariamente nos descortina. Ou então essas crianças acéfalas correm pelas ruas, onde são esmagados pelos vehiculos, ou pelos matos e campos, aprendendo precocemente todos os vícios, bebendo e fumando, saltando sebes e montes, penetrando em quintais alheios, ou cometendo maiores depredações.

Os patrões, em caso de necessidade, por muito favor, e isso, ainda, rariissimas vezes, pagam metade do salario, ou, em caso rariissimos, todo elle, um mês, talvez, e depois mandam o doente ás fayas, se, como é mais usual, não o despacharem: — o que não presta lança-se fóra!

O mesmo se dá em casos de accidente: paga-se um mês ou dois ao operário vitimado, e depois deve ser considerado como um acto de magnánima filantropia, e isto ainda se fór feito, e depois, se o infeliz perdeu um membro ou ambos, ou ficou totalmente estropiado e inválido, não tendo meios de vida, que vá pedir esmola.

Neste caso, ainda, como em todos os outros, como já o dissémos, o único direito do operário é não ter direito algum.

Caixas de pensões, de pecúlio, de previdência, etc., não estabelecem o capital, pois não lhe convem diminuir as rendas colossais, ao contrario, si pudesse evitaria toda e qualquer remuneração ao proletário.

Desse modo, sempre o capital saú-se o mais barato possível. Médico e farmacia, que elle devia, obrigadamente, fornecer sem retribuição alguma do operário, este, ainda tem de pagar e lhe é descontado do já tão miseravel ordenado mensal.

O proletário, se já não miseravelmente quando está forte e com saúde, quando está doente ou inválido, o único recurso que lhe resta ou é mendigar, ou explorar sua própria familia, fazendo trabalhar infelizes criancinhas de 6 anos de idade, bem como a esposa.

(S. Paulo).

R.

(Continua)

Ofertas de livros

O dr. Abdias Neves, o apreciado escritor piauiense, autor de diversos livros de rial valor e actualmente director da bela revista de Telexina — «Littericultura», presentou-nos com diversas exemplares das suas duas últimas e importantes obras — «Um manicoa», romance anticlerical de 205 páginas, e «Psicologia do Cristianismo», acurado estudo, como o seu titulo indica, desse amalgama de incongruências e mistificações que é o cristianismo.

Reservando para outro numero a nossa modesta opinião sobre os livros mencionados, enviamos ao dedicado livre-pensador piauiense os nossos calorosos agradecimentos.

Recebemos tambem quinze exemplares do livro — «Ensaio de critica racionalista», ofertados pelo seu autor, o professor Saturnino Barbosa, que já tem publicado mais algumas obras, dentre as quais destaca-se o «Poema transcendente».

Ao bom correligionário Saturnino Barbosa patentemos o nosso agradecimento por essa oferta do seu livro, do qual a Lanterna já publicou uma apreciação de N. V.



«A LANTERNA» NA LAPA

A caridade Cristã!

Há poucos dias, morreu, em um desastre ocorrido na estação de São Caetano, um guarda-trem da Inglesa aqui residente, deixando na mais completa miséria a mulher e filhos.

Enquanto diversos amigos da desventurada familia estavam tratando de angariar alguma coisa para socorrer a viuva, alguns carolas foram encher os ouvidos da pobre mulher para que ella mandasse celebrar uma missa por alma do marido.

O caridoso o rev. vigário deste lugar entendeu que era justo cobrar (tudo pela caridade!) a quantia de 150000 réis para lhe poder mandar a alma para lugar seguro!

E é esta a que elles chamam a caridade cristã!...

Lapa — S. Paulo.

V. Tado.

Pequenos écos

Conferência — O sr. José de Vasconcelos realizou na segunda-feira a noite, no Salão Ceilo Garcia, perante boa concorrência, uma conferência sobre a cura da lepra, da sífilis e do cancro, doenças essas de que é especialista.

Agradecemos o convite que nos foi enviado.

Officina mecânica — Participe-nos o sr. Ernesto Ghirello que acaba de instalar uma officina mecânica á rua 21 de abril, 100, encarregando-se de instalações de officinas, reparações e montagens de máquinas de qualquer ramo de industria e de concertos das mesmas.

Benevolência Espannola — Esta valha e prestante associação de mutuo-socorro comemorará este ano a data do seu anniversario com uma festa no Salão Ceilo Garcia, que se realizará no 3 de agosto vindouro com um bom organizado programa de representações dramaticas, musicas, concertos e baile familiar.

Gratos pelo convite com que nos distinguiram.

A regeneração humana

Há pouco tempo o diário oficial do Estado de Minas transcreveu um artigo sem assinatura sob a epigrafe «As utopias sociais». Diz seu autor que são utopistas os que julgam que, para a perfeição da humanidade basta, em vez de perfeição individual, a das relações da vida. Quer assim dizer que devemos dar de mão à melhoria das classes, que devemos desistir de sonhar numa futura sociedade cujo plano de organização seja diverso do actual; o que é preciso, segundo o dá a entender, é que a acção aperfeiçoadora tenha o seu exclusivo de convergir seus esforços sobre cada unidade humana, porque com a perfeição dos homens teremos realizado o máximo de felicidade de que é suscetivel o género humano.

Suas palavras não deixam de ter certa ligação com o modo de pensar de Tolstoi. Como todos sabem, este grande filantropo, na segunda metade da sua vida deu-se a propagar uma nova religião dimanada dos evangelhos, em que prega como fundamento de fé a existência de Deus e da alma imortal, e como norma de conduta dos homens, única e exclusivamente a seguinte, de que faz dimanar toda a sua doutrina: Procedamos para com o próximo como desejaríamos que elle procedesse para conosco.

Ora, para se obter um aumento da soma de bondade espalhada no nosso globo, não há negar que uma religião pura não deixaria de produzir algum efeito sobre os homens considerados isoladamente; mas as tentativas religiosas que já se efectuaram nesse sentido, fracassaram. O povo está cansado desse eterno recommear improdutivo. Não há religião que tenha produzido sensivelmente esse efeito, ao passo que muito sensivelmente tem produzido o efeito contrario. E ainda, já livre o homem dessas arcaicas superstições, já não há força capaz de fazê-lo retrogradar ás burlas do passado.

Nesta era de decadência de religiões, o ideal de Tolstoi foi uma visão poetica e mais nada.

E' verdadeira utopia acreditar que no meio desta crise de rapinas e violências que atravessamos, o espirito da humanidade fosse detecese a contemplar visões interiores, esquecendo os sofrimentos do mundo exterior. Mesmo aqueles que fossem dotado de mística imaginativa, não podiam se esquecer a si mesmos entre as quatro paredes dessa estéril illusão; a cada passo o sentimento da sua miseravel vida, a fadiga do seu trabalho improdutivo para si e produtivo para os outros viriam a interromper-lhe o devaneio, trazendo-lhe a amarga realidade de sua posição de escravo. Em torno de si seria de balde que buscaria um exemplo de desprendimento que o pudesse alentar; veria apenas o Moloch do capital a se atafalhar do trabalho alheio, surdo aos gemidos das victimas, cego para a sua opressão; a esse aspecto a revolta o tomariam de novo, e tornaria a ser um desesperado sem crenças e sem esperanças na regeneração dos homens!

Não! Tolstoi decididamente errou. Para melhorar o homem é preciso melhorar a organização social. E' a eterna luta pela vida, é o exaspero da concorrência, é a amargura do trabalho fatigante e estéril que torna o homem mau. Desapareçam as emulações, nivelem-se as classes, e a humanidade não deixará de regenerar-se.

Tomemos alguns exemplos, ao acaso, para o demonstrar. A e B tornaram-se inimigos. Cada um deseja ao outro todo o mal possível. Porque? São agricultores, suas terras confinam uma com a outra, e há litigio sobre as divisas. Ora, numa organização social que abolisse o «meu e o teu», A não teria motivos de malquerença contra B, nem B contra A. —Novo exemplo: C é turbulento, propagaor. Porque? Bebe. Desapareçam os commerciantes, e elle não achará facilmente alcool para ingerir. E assim o mais. Se suprimirmos o dinheiro que nos inquietas, suprimirmos os ladrões; com a emancipação da mulher, desaparecerá a hipocrisia no amor, causa de tantos traves-tios.

Não nos esqueçamos de que a perveridade do homem é fruto do meio em que vive. O homem age cegamente obedecendo ás causas exteriores. No meio de uma perversa organização social, o homem será forçosamente perverso.

Portanto, não é a bondade do individuo que faz a boa organização colectiva, e sim exactamente o contrario dessa proposição.

Sertão de Minas, julho de 1912.

Z. Z.

Pela Paulista

O nosso companheiro José Romero iniciou uma viagem de propaganda do nosso jornal e de cobrança dos seus assinantes, visitando por estes dias as seguintes localidades: Brotas, Torrinha, Dois Córregos, Barra Bonita, Pederneiras, Mineiros e Jd.

«A Lanterna» em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circunvizinhas, é agorá da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andrade Neves, 100, que está entusiasmado a trazer-nos de tudo quanto se relaciona com a Lanterna.



A "Lanterna" em Ponta Grossa

O DEDO DE DEUS

Dizem os devotos que não se move uma folha sem a permissão de Deus, portanto, todos os acontecimentos bons ou maus são permitidos por ele.

O Progresso, jornal que se publica nesta cidade, noticiou que os lápis arrombaram a Matriz, pedindo às autoridades competentes para tomarem providências sobre o facto.

Dizem que Deus é todo poderoso e tudo vê; portanto, se realmente tem ele estes atributos, não teria permitido que roubassem...

Portanto, em obediência a essas mesmas sagradas escrituras, as verdadeiras lápis seriam os padres, dos quais se deveriam defender.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — A semana foi cheia de novidades para este teatro, pois houve ali a estreia da troupe Bole, ciclistas cômicos acrobatas, e foram exibidos numerosos films de grande valor artístico.

FOLHETIM DA LANTERNA (4)

MIGUEL ZEVACO CAVALEIRO DE LA BARRE Grande romance histórico.

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA) Primeira parte AMOR! IV FLOR DE MAIO

— Oh! que menina tão bonita! — exclamou a dama, mandando parar o carro. E apouco-se para ver de perto e interrogou Flor de Maio.

dades foram representadas durante a semana neste elegante teatro. A empresa não tem poupados esforços para bem servir os apreciadores daquele género de espectáculo.

Azeite para a "Lanterna"

Lista conseguida pelo companheiro Candido Reis, de Santos: Candido Reis, 28; Manuel Simões, 18; Olegário Soares, 18; Albino Silva, 28; Helcio Cortez, 28; Vicente da Silva Bruno, 18; Abilio Vaz Collaço, 18; J. P. S. M., 18; Miguel de Souza, 18; Felix S. Rosa, 18; Bariljo J. Becker, 18; José Kleis, 18; João Corrêa, 18; João Figueira, 28; Sarafim Cordero, 18; Leonidas Cortez, 28; Francisco Impastari, 18; Lima, 18; Camilo Basco, 28. — Total, 258500.

Bilhetes e recados

Rio — D. Minhana: Pela indicação do João, já entregamos a carta. Registamos na lista do azeite o 1800 que aqui te restavam. Saudações. Franca — I. Sélles: Registamos na conta do José os 108 que recebeste do sr. E. H., do qual modificamos o endereço. Saudações.

Santa Barbara — N.: Recebemos os 108 da sua assinatura. Remetemos os recibos. Seguiram os 6 na pedida. Saudações. Rio — J. Pinto da Fonseca: Recebemos sua carta. Cientistas das informações que desejamos. Dos pedidos já não temos mais nenhum exemplar. De acordo com as recomendações feitas. Chegou tarde para o n. passando. Saudações.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2500-r. exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3000, o exemplar.

"A Sementeira"

Publicação mensal ilustrada de critica e sociologia de Lisboa. Ingre retratos e biografias de escriptores e artistas revolucionarios e livros pensadores, como (entre os ultimos) Wagnor, Ema Goldman, Tebernichonsky, Rapisardi, Guyau.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1885 Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado Pereira & Comp. Avenida Rangel Pestana, 60 - S. Paulo -

"HUMANIDAD"

Excelente revista quincenal de educação e cultura social, de Valencia, Espanha. Assinatura, ano, 56000. Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser endereçados ao representante J. M. Banno, Rua Nova S. José, 97, S. Paulo.

A LANTERNA

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: Agencia de jornales, do sr. Antonio Seafoto, rua 16 de Novembro, 51. Salão de Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

A Lanterna no Interior

Encontra-se também á venda nas seguintes agencias: Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Bellas, rua Amador Bueno, 41 e 48. Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

A LANTERNA NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos: CAFE CRITERIUM, largo do Rocio, 32. Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate. Rua da Assembléa, 99, esquina da rua do Carmo, engraxate. Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Bras Lauria.

VENDE-SE

TERRENO EM SANTOS Vende-se um magnifico terreno medindo 14 metros de frente por 50 de fundos, sito á rua Dr. Manuel Carvalho, fazendo esquina com a avenida do Canal. Trata-se nos dias uteis com o sr. José Leite, á rua Eduardo Ferreira, 1 (Armazem).

Engenho Stamato

Sem engronagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se separando por este vasto país: já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que atestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante.

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 - Rio de Janeiro. Fundição e Mechanica, Avenida Martin-Burchard, 146 - S. Paulo.

Coelho liquido Halley

É o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular em litros de leite. Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341 Belo Horizonte

Gesú Cristo non-è mai esistito

A cura della Casa Editrice Mercedès Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Mileabo (avv. Emilio Bossi): Gesú Cristo non-è mai esistito. Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte o registro do Correio: Primeira serie, já publicada: La Lujuria del Claro, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert.

Fazenda á venda

Em Belo Horizonte Vende-se uma esplendida fazenda situada a 2 leguas desta capital, contando magnificas culturas, matas para lenha, boas invernadas em pastos fechados, 2 moinhos, engenho e macthienhos para canna e fabricar asnoar, etc.

Escuta... Todas as noites, á pelas onze, vem a esta rua...

— E' certo, respondeu ella singelamente, fixando os seus olhos limpídos nos olhos turvos do padre. — Pois bem! grunhiu este; não tornarás a ver o Cavaleiro... Ella não comprehendeu logo.

O AMANTE

— Fica l... Tenho que te falar! dissera o arcebispo, agarrando na manôta de Flor de Maio. A pobrezinha esperava, gelada de susto. Com um movimento de irremprimivel horror, procurou saltar. Mas o padre sujeitava-a; os seus dedos nus, convulsivamente, apertaram com mais forças os dedos finos e delicados da joven.

bosques, indo elle adiante para afastar as silvas e voltando-se para lhe sorrir. Juntos correram pelos prados, procurando ella as mais lindas papoilas e as mais formosas campainhas para que elle as levasse. E assim cresceram, felizes somente quando estavam juntos. O Cavaleiro mostrava-se a Flor de Maio como aquele principe encantador, cuja historia lera no livro de contos de Perrault. E Flor de Maio era aos olhos de João uma dessas virgens suaves, cujas imagens admirara numa coleção que lhe dera de presente sua tia, a senhora de Villancourt.

recrear a vista. No verão, era o esplendor do ceu estrelado; era a perpétua festa do jardim perfumado. No inverno, era a magnificência dos brancos arminhos e o recorte aereo das arvores nuas. E depois, Flor de Maio tinha em si própria toda a alegria da sua vida. Quando cerrava os olhos, evocava a figura do joven cavaleiro, daquelle que occupava o lugar do principe encantador nos seus sonhos.

beijo de amor...; esse primeiro beijo, cuja recordação perfumada perdura toda a vida na boca dos amantes... Desde então, sem nada terem combinado, foi mesmo na povoação, perto da casita cujo limiar João nunca transpôs, que elles se viram todos os dias, á tardinha, cômto se quisessem colocar o seu amor sob a protecção de toda a população.

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS M Gorki, Os amassadores \$200 A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho \$900 H. Malatesta, Programa socialista anarquista-revolucionario \$100 Pedro Kropotkin, O Comunismo Antiquo \$100 Prof. Saturnino Barbosa, Poema Transcendente 18000 B. Peres Galdós, Electra, (drama anticlerical em 5 actos) 18000 Meza Botta, O Papa Negro 24000 Otaviano Beinhel, Um como não ha muitos, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) 18000 Carlos Dias, Semanado para Colher \$300 Paulo Bertheloth, Evangelho da Hora \$200 Guerra Junqueiro, A ethica do Padre Eterno 24000 A. D. White, Historia da Luta entre a Ciencia e a Teologia 38500

EM ESPANHOL

Rutgers, Las Guerras y la Bendición de la Población \$100 Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia \$100 C. S. Darrow, Crimen y Criminalidad \$100 André Girard, Educación y Autoridad Paternal \$100

EM ITALIANO

Dottor Nicolò Coverti, Che cosa è il Socialismo \$100 Romano di una Donna, Angela Longaretti 18500 Almanacco Libentario illustrato 1909 \$300

EM FRANCÊS

Les Prisonniers, Pierre Kropotkin, \$300 L'Esprit de Révolte \$200 René Chaugli, La Femme Esclave \$100 Jean Grave, L'Intente pour l'Action \$200 Eliás Reclus, A mon Frère le Paysan \$200 Jean Grave, Si j'avais à parler aux Electeurs \$100 Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne \$200 Eliás Reclus, Evolution e Révolution \$200 Urbain Gohier, Aux Femmes \$100 E. Malatesta, Entre Paysans \$200 M. Nettlau, La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière \$299 Maro Pierrot, Sur l'Individualisme \$300 Louis Blanc, Quelques Vrités Économiques \$180 André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière \$100 Pedro Kropotkin, Le Salariat \$200 La Morale Anarchiste \$200 M. Pierrot, Travail et Surmenage \$200 Diraot, Extremum d'un philosophe avec la marchandise \$100 Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics \$100 Jean Grave, Une des Formes nouvelles de l'Esprit-politicien \$100 Les Temps Nouveaux, Contre la Guerre \$200

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância.

Ella amava, como respirava. Os seus desejos ainda não haviam chocado com essa coisa improvavel, impossivel, intransponivel. E eis que a frase brutalmente lançada pelo padre lhe mostrava de repente o abismo que a separava do Cavaleiro. Como admitir que o joven fidalgo, herdeiro da enorme riqueza dos Villancourt, pudesse dar o seu nome a uma florista ambulante? Gerfaut viu o destroço que acabava de causar naquella alma, toda ternura e pureza. Triunfante, ajuntou com deçura sinistra: — Já vêes, menina; já vêes que te levei para o bom caminho... Bem vêes que deves renunciar ao Cavaleiro... Estas palavras galvanizaram a pobre moça. Mostrou o seu doce rosto banhado de lágrimas, que secavam á medida que corriam, sobre o fogo das suas faces: As feições tomaram uma admiravel expressão de nobreza e de sacrificio.